

# ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Camargo, Renata Vieira<sup>1</sup>

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias

Rossi, Rejane.<sup>2</sup>

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias

## RESUMO

O presente artigo destaca a evolução da alfabetização de como era antes até os dias atuais, e a diferença entre alfabetização e letramento. De modo que o trabalho pedagógico contribua para o desenvolvimento da criança, proporcionando situações por meio de atividades que estejam vinculadas ao brincar, valorizando a criança na sua infância, singularidade e totalidade, garantindo que aprendizagem aconteça de forma prazerosa e atenda as necessidades, onde deve se respeitar o tempo de aprendizagem de cada um, e valorizar o conhecimento de mundo que trazem, proporcionando o contato com materiais que irão auxiliar de forma positiva e contribuir no processo de construção e apropriação do conhecimento.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Ampliação, Aprendizagem.

## ABSTRAT

The article highlights the evolution of literacy as it was before until today, and the difference between literacy and literacy. So that the pedagogical work contributes to the development of the child, providing situations through activities that are linked to play, valuing the child in its infancy, uniqueness and completeness, ensuring that learning happens in a pleasant manner and meets the requirements, which should to respect the learning time of each, and enhance the knowledge of the world they bring, providing contact with materials that will assist and contribute positively in the process of construction and acquisition of knowledge.

Keywords: Literacy, Literacy, Magnisicacition, Learning.

## **1-Introdução**

A Alfabetização passou por um longo processo de mudanças até chegar aos dias atuais. Tradicionalmente ela era um processo mecânico, onde o professor era visto como o dono do saber e o aluno como um ser passivo que só poderia começar a aprender quando ingressasse em uma instituição de ensino. Essas mudanças incluíam as cartilhas, onde por muitos anos os alunos aprendiam a ler e escrever copiando várias vezes uma palavra até decorar. Através de estudos realizados nos anos 80, a imagem do professor como o centro deu lugar ao aluno como alguém que desde que nasce já constrói o seu conhecimento. Com a evolução e as exigências trazidas pela sociedade, as habilidades de leitura e escrita passam a ser questionadas, pois antigamente para a pessoa ser considerada alfabetizada, bastava apenas que soubesse escrever o próprio nome.

Estudos realizados por especialistas nas áreas educacionais e lingüísticas trouxeram a palavra letramento que passou a ocupar uma posição de destaque no contexto educacional e social. As propostas apresentadas em documento elaborado pelo Ministério da Educação trazem a alfabetização e o letramento como eixos que norteiam o processo de ensino e aprendizagem, onde o aluno deve ser respeitado e valorizado, e que sejam oferecidas condições para que ele aprenda através de atividades que utilizem o lúdico como ponto de partida para que a aprendizagem ocorra de uma forma natural, dinâmica e significativa.

## **2- Histórico da Alfabetização**

A escrita é um patrimônio cultural, um bem inestimável que promove a comunicação entre as pessoas e serve de registro dos fatos e acontecimentos que ocorreram no passado, ou seja, a escrita fez parte da vida dos povos primitivos e acompanhou a evolução da sociedade. Historicamente, ela surgiu a mais de 5.000 anos antes da era cristã, como código de representação simbólica do pensamento, em consequência das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas. Durante muitos séculos, representava o poder dos burocratas e religiosos. (DI NUCCI, 2001.)

Portanto, o cidadão que não tivesse status era impedido de ler e escrever. Para ser considerado alfabetizado nessa época, era necessário que as pessoas soubessem ler o que os símbolos significavam. Com a expansão do sistema de escrita aumentou-se a exigência para que alguém soubesse a ler e a escrever, levando ao abandono do sistema de símbolos e a utilização das sílabas, ou seja, signos que representavam a fala, assim o número de símbolos para formar palavras diminuiu, facilitando a memorização. Para chegar ao alfabeto que utilizamos nos dias atuais, tivemos várias contribuições. Os semitas, que foram os povos: hebreus, assírios, aramaicos, fenícios e árabes, que criaram seu sistema de escrita partindo de uma lista de palavras, essa escolha diminuiu os silabários da época, passando de sessenta elementos para vinte e uma consoantes, para se alfabetizar nesse tipo de sistema bastava apenas decorar a lista dos nomes das letras. Os gregos criaram seu alfabeto não só com as consoantes, mas também incluíram as vogais.

Foram os romanos, que a partir do alfabeto grego, percebendo que era mais fácil nomear a letra com o próprio som, porém, algumas letras têm nome, mas ao formar uma palavra o som não permanece igual. Assim, alfa, beta, gama, delta, épsilon passaram a ser a, bê, cê, dê, etc. Essas culturas deixaram alguns alfabetos em tábuas ou pequenas chapas de metal onde se encontravam todas as letras na ordem tradicional. (CAGLIARI, 1998.).

Devido ao fato da escrita ocupar cada vez mais o espaço na sociedade dessa época, surgiu um grande problema com o alfabeto, novas formas de representar as letras, pois até então, as maiúsculas eram as únicas e as minúsculas passaram a existir, dificultando o processo de alfabetização, além de confundir os que já estavam alfabetizados, pois teriam que assimilar as letras. Nos séculos XV e XVI, com o Renascimento, a preocupação com a alfabetização aumentou, levando ao surgimento das primeiras cartilhas (CAGLIARI, 1998.).

Segundo LEITE (2001, p.23) “a escrita era concebida como uma mera representação da fala; nessa perspectiva, ler e escrever são entendidos como atividades de codificação e decodificação”, sendo o processo de alfabetização reduzido ao código escrito, centrado na mecânica da leitura e da escrita. O ensino era tradicional, o professor era dono do saber e os alunos eram meros receptores, esse fato foi denominado por Paulo Freire como educação bancária.

Neste período, eram escolhidos os bons professores para que levassem o aluno ao domínio do código. Sendo assim havia uma grande preocupação com o método a ser utilizado, entre eles destacam-se: o método sintético, que parte de unidades menores, as letras, no qual ler significa decodificar o escrito em som, e o método analítico, que parte do texto para as palavras, considerada mais significativa para depois chegar ao estudo das sílabas.

A partir do século XVII, com mudanças trazidas pelas Revoluções Industriais e Francesas, as pessoas começaram a sentir necessidade de se comunicar por meio da palavra escrita, aumentando o interesse para aprender a ler e escrever. (DINUCCI, 2001.) O ensino era individual, onde cada aluno fazia a lição na cartilha de acordo com o nível em que estava: principalmente, médios e avançados, passou a ser coletivo, mas ainda sendo privilégio dos burgueses.

No início do século XIX, com a transição da economia agrária para a economia industrial urbana, tornou-se necessária a aprendizagem da leitura e da escrita, implicando na padronização do aprendizado baseado nas escolas. (DINUCCI, 2001, p.50).Entretanto com a escolarização, a escrita passou a ser como uma forma da escola preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, visando o aumento de produtividade.Nesse período as cartilhas sofreram algumas modificações e o método do ba, be, bi, bo, bu, começava a aparecer.Esse método de silabação onde se aprende as sílabas para formar as palavras.

No Brasil algumas cartilhas tiveram grande influência como: Cartilha maternal em 1870 de João de Deus, Cartilha do povo em 1928 de Lourenço Filho, Caminho suave em 1948 de Branca Alves de Lima. (CAGLIARI, 1998.).

Ainda em CAGLIARI (1998, p.26), “até a década de 50, as cartilhas davam ênfase à leitura, onde era muito importante o ensino do abecedário”, através de lições onde as crianças aprendiam o alfabeto, fazendo cópia das letras.

Continuando em CAGLIARI (1998, p.27), “o autor afirma que a experiência escolar com as cartilhas foi desastrosa”, pois a taxa de reprovação de alunos que não conseguiam aprender a ler na primeira série era aproximadamente cinquenta por cento. Com isso, sentiam-se desmotivadas e muitas abandonavam a escola, causando também a evasão. As escolas preocupadas com esse problema

envolvendo a alfabetização foram buscar socorro nas universidades, já que a Psicologia estava fazendo grande sucesso no Brasil, sendo assim, a escola acabou se tornando um laboratório de pesquisa. Esses pesquisadores relacionaram o fracasso da alfabetização com o fato das crianças repetentes serem pessoas carentes de alimentação e carinho, por esse motivo não conseguiam aprender e acabaram tachando-as de deficientes e excepcionais, somente porque falavam e escreviam errado.

Não era conveniente deixar a criança fora da escola, os psicólogos chegaram a conclusão que deveria existir um período preparatório que antecedesse o início da alfabetização, onde as crianças ficariam prontas, através dos exercícios de prontidão, que seriam : fazer curvinhas para lá e para cá, completar figuras, fazer bolinhas, etc. Não deu certo e o índice de repetência continuou alto deixando claro que o período preparatório foi um grande erro.

No início dos anos 80 surgiram obras que se classificaram como construtivistas e causou grande impacto, principalmente entre os professores com destaque especial a Psicogênese da Língua Escrita, nesta obra o autor FERREIRO e TEBEROSKY (1985). Abordaram a questão de como se ensina como se aprende, tirando o foco que era dado somente ao professor e pensando também no aluno como o centro da aprendizagem. Realizaram um estudo onde comprovaram que mesmo antes de ingressar na escola a criança já formula hipóteses sobre a escrita.

Desde que a criança nasce ela passa a ter contato com o mundo que a cerca e todo o momento se depara com a leitura e a escrita em diversas situações do seu cotidiano. Através das interações vivenciadas em casa e na escola, ela vai construindo hipóteses que FERREIRO (apud LARROCCA, 200, p.196) define como:

- Primeiro nível: garatujas ou grafismos, a criança reproduz traços típicos da escrita para representar objetos do mundo em sua volta, ainda não relaciona a fala com a escrita.
- Segundo nível: pré- silábico, a forma dos grafismos se aproxima das letras, é comum a criança utilizar letras que compõe o seu nome ou aleatórias.
- Terceiro nível: silábico, a criança coloca uma letra para representar cada sílaba, já estabelece relação entre a fala e a escrita.

- Quarto nível: silábico-alfabético, passagem das hipóteses silábica para a alfabética, acontece um conflito entre as formas gráficas.
- Quinto nível: alfabético, a criança escreve percebendo o som dos fonemas, esta alfabetizada, mesmo que ocorram erros ortográficos.

O construtivismo veio para mostrar que a criança não é uma folha em branco, pois ela já possui algum conhecimento ao entrar na escola e que o professor deve atuar como mediador entre o aluno e o conhecimento, onde este deixa de ser passivo e passa a buscar novos conhecimentos. Até o final do século XX, bastava que o sujeito assinasse o próprio nome para ser considerado alfabetizado, mas com o passar dos anos, essa condição levou especialistas a realizarem um estudo sobre a necessidade de compreender a escrita como prática social. Na segunda metade dos anos 80, a palavra letramento surge no discurso de especialistas nas áreas de educação e lingüística.

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. (SOARES, 1998, P.18).

Portanto, essa condição de letrado não se resume em saber ler e escrever, mas sim compreender para que utilizemos essas funções. A alfabetização e o letramento têm como fim orientar o trabalho pedagógico. Muito está sendo falado sobre alfabetizar a letrar no 1º ano, valorizando o conhecimento que o aluno traz e buscando trabalhar de forma com que o aluno participe das aulas interagindo auxiliando para que a aprendizagem ocorra de maneira dinâmica e significativa.

## **2.1 Alfabetização e Letramento**

As mudanças que estão acontecendo no sistema educacional incluem o processo de alfabetização, que no modelo tradicional tinha como ênfase levar a criança ao domínio do código escrito. Em função disso o processo de alfabetização, ou seja, o

papel do docente se resumia em treinar os alunos para que fossem capazes de ler e escrever, copiando várias vezes até decorar. Em função disso o processo de alfabetização era responsabilidade e competência da escola.

FERREIRO, pioneira em estudos sobre o processo da alfabetização através de suas obras deixou claro que a criança, antes de entrar na escola, observa e interage com o mundo que a cerca.

Entretanto, a criança que até essa época era vista pelos professores como um ser passivo, passou a ser vista como um ser que ao entrar na escola já possui algum conhecimento. A criança não é um ser passivo que fica esperando que o conhecimento chegue até ela, através das situações que presencia no dia a dia, passa a se questionar e levantar hipóteses, construindo, assim seu próprio conhecimento.

Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de compreender a escrita no mundo social, através de estudos realizados, buscando respostas para analisar esse fenômeno, ficando evidente que muitas pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não significa que elas compreendem essas funções que através destas ações pode se agir como agente transformador da sociedade.

### **3-Conclusão**

Conclui-se que a educação é direito de todos e que deve ser oferecida com qualidade, valorizando o ser humano enquanto cidadão, pois ela é a base para que possamos buscar uma sociedade mais justa onde todos participem ativamente e contribuam para seu desenvolvimento.

#### 4-Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos.** (1. Ed. Brasília; MEC/ secretaria de Educação Básica, 2009.)

CAGLIARI, L.C **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998. FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. DINUCCI (apud LEITE, 2001, p. 47). LARROCA (apud LEITE, 2001 p.196).

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

LEITE. S.S. A (org). **Alfabetização e Letramento contribuições para as práticas pedagógicas.** Campinas Komedi, 2001.